



# TEXTO PARA DISCUSSÃO

ISSN 0103-9466

443

**Teoria do agenciamento:  
notas sobre o pensamento de Manuel DeLanda**

**Eduardo Barros Mariutti**

**Dezembro 2022**



UNICAMP

**ie** Instituto de  
economia

# Teoria do agenciamento: notas sobre o pensamento de Manuel DeLanda

Eduardo Barros Mariutti \*

## Resumo

Este é um texto exploratório que tem como propósito central discutir a teoria do agenciamento proposta por Manuel DeLanda. O intuito não é apresentar uma reconstituição minuciosa e exaustiva sobre essa intrincada teoria, mas destacar a sua conexão com o conceito de emergência e, sobretudo, a crítica de DeLanda às noções rígidas de totalidade inspiradas no organicismo e no hegelianismo. Por fim, proponho uma crítica ao esforço teórico de DeLanda em tentar radicar a sua reflexão à uma ontologia realista.

**Palavras-chave:** Deleuze, Agenciamento, emergência.

## Abstract

### ***Assemblage Theory: comments on the thought of Manuel DeLanda***

This is an exploratory paper with the central purpose of discussing the agency theory proposed by Manuel DeLanda. The intention is not to present a thorough and exhaustive reconstitution of this intricate theory, but to highlight its connection with the concept of emergence and, above all, DeLanda's critique of rigid notions of totality inspired by organicism and Hegelianism. Finally, I propose a critique of DeLanda's theoretical commitment to a realist ontology.

**Keywords:** Deleuze, Assemblage, Emergence.

**Jel Code:** A10.

## Introdução

Despertei meu interesse pela obra de Manuel DeLanda após ler *War in the Age of Intelligent Machines*, publicado originalmente em 1991. O livro explicita a criatividade, o rigor analítico e a perspicácia do autor. O tema central é a crescente *automação* dos armamentos e da conduta da guerra mediante o emprego da Inteligência Artificial. O primeiro parágrafo dá o tom do livro:

*The image of the killer robot once belonged uniquely to the world of science fiction. This is still so, of course, but only if one thinks of humanlike mechanical contraptions scheming to conquer the planet. The latest weapons systems planned by the Pentagon, however, offer a less anthropomorphic example of what machines with predatory capabilities might be like: pilotless aircraft and unmanned tanks intelligent enough to be able to select and destroy their own targets. Although the existing prototypes of robotic weapons, like the PROWLER or the BRAVE 3000, are not yet truly autonomous, these new weapons do demonstrate that even if Artificial Intelligence is not at present sufficiently sophisticated to create true killer robots, when synthetic intelligence does make its appearance on the planet, there will already be a predatory role awaiting it (DeLanda, 1991, p. 6).*

---

\* Professor Associado do Instituto de Economia da Unicamp e do Programa de Pós-Graduação *San Tiago Dantas*. Membro da Rede de Pesquisa em Autonomia Estratégica, Tecnologia e Defesa (PAET&D). E-mail: [mariutti@unicamp.br](mailto:mariutti@unicamp.br).

Hoje, a questão das armas autônomas ocupa uma posição central nas análises sobre as tendências da guerra contemporânea e, também, sobre os sistemas de vigilância e prevenção do crime que estão se difundindo nos grandes centros urbanos.

O propósito deste texto não é, contudo, discutir de forma direta este tema, mas focar na problemática que lhe é subjacente: a noção de *agenciamento* e sua conexão com o conceito de emergência. O termo *agencement* foi criado e mobilizado por Gilles Deleuze e Félix Guattari como um conceito destinado a combinar os dois sentidos dessa expressão: o ato de *combinar* um conjunto de elementos geralmente heterogêneos e, também, *para* designar o resultado desta ação, isto é, um agregado de partes em interação (DeLanda, 2016, p. 1). John Phillips resume bem os dois sentidos do termo:

*Agencement is a common French word with the senses of either arrangement, fitting or fixing and is used in French in as many contexts as those words are used in English: one would speak of the arrangement of parts of a body or machine; one might talk of fixing (fitting or affixing) two or more parts together; and one might use the term for both the act of fixing and the arrangement itself, as in the fixtures and fittings of a building or shop, or the parts of a machine (Phillips, 2006, p. 108).*

O termo é geralmente traduzido para o inglês como *assemblage*, procedimento que DeLanda aceita, mesmo ciente dos problemas que esta tradução enseja<sup>1</sup>.

Além da questão da tradução, como o próprio DeLanda adverte, o termo é utilizado de forma muito elástica por seus criadores. Gilles Deleuze e Guattari apresentaram várias definições diferentes, cada uma delas ligada a um tema ou aspecto particular da filosofia de ambos. Logo, como elas não formam um conjunto coerente, a tarefa de isolar e justapor as várias definições mobilizadas por Deleuze e Guattari não seria muito proveitosa (DeLanda, 2016, p. 1). Tendo isto em mente, em *A New Philosophy of Society: assemblage theory and Social Complexity* (2006) e *Assemblage Theory* (2016) Manuel DeLanda se esforça para construir uma *teoria do agenciamento* capaz de dar mais clareza a este conceito. Este artigo tem como objetivo principal destacar as principais características da interpretação de DeLanda sobre este conceito e, simultaneamente, problematizar a sua filiação à ontologia realista.

### **Definindo os termos gerais da discussão**

Em *Assemblage Theory* Manuel DeLanda inicia a sua discussão partindo de uma passagem de um livro-entrevista escrito por Deleuze em parceria com Claire Parnet que, em seu julgamento, é uma das definições mais simples de agenciamento, pois envolve um mínimo de maquinaria conceitual adicional:

---

(1) *The word in English fails to capture the meaning of the original agencement, a term that refers to the action of matching or fitting together a set of components (agencer), as well as to the result of such an action: an ensemble of parts that mesh together well. The English word used as translation captures only the second of these meanings, creating the impression that the concept refers to a product not a process.* (DeLanda, 2016, p. 1). O fato curioso que em francês existe também a palavra *assemblage* que, contudo, nunca foi utilizada como um conceito por Deleuze e Guattari (Phillips, 2006, p. 108).

What is an assemblage? It is a multiplicity which is made up of many heterogeneous terms and which establishes liaisons, relations between them, across ages, sexes and reigns – different natures. Thus, the assemblages only unity is that of a co-functioning: it is a symbiosis, a sympathy. It is never filiations which are important, but alliances, alloys; these are not successions, lines of descent, but contagions, epidemics, the wind (Deleuze; Paret, 2007, p. 69).

Nesta citação dois aspectos do conceito se sobressaem: a *heterogeneidade* dos componentes – as partes que são articuladas não são uniformes em natureza ou em sua origem – e o agenciamento *como a ligação* – o próprio *ato de ligar* – que conjuga ativamente as partes em um todo (DeLanda, 2016, p. 2).

O termo *ligação* não foi escolhido por acaso. Isto porque um agenciamento envolve predominantemente *relações de exterioridade*, isto é, *extrínsecas*<sup>2</sup>. Esta característica é ressaltada para explicitar o contraste radical com a noção de totalidade inspirada no hegelianismo, a qual se define por um modo intrínseco de articulação, isto é, um modo de articulação onde as partes formam um todo homogêneo, um conjunto *inextricável* onde se verifica uma determinação recíproca entre as partes. Um agenciamento, ao contrário deste tipo de totalidade, preserva a heterogeneidade dos seus componentes e, por conta disto, possui *propriedades emergentes* (DeLanda, 2006, p. 4).

Esse ponto é decisivo e exige uma atenção redobrada. Comentando o organicismo (tema que será aprofundado na próxima seção), Manuel De Landa afirma:

*Following Hegel, other defenders of this approach argue that without relations of interiority a whole cannot have emergent properties, becoming a mere aggregation of the properties of its components. It may be argued, however, that a whole may be both analysable into separate parts and at the same time have irreducible properties, properties that emerge from the interactions between parts. (...) Allowing the possibility of complex interactions between component parts is crucial to define mechanisms of emergence, but this possibility disappears if the parts are fused into a seamless web. Thus, what needs to be challenged is the very idea relations of interiority* (DeLanda, 2016, p. 10).

Um todo orgânico é maior do que a soma das suas partes, mas, ao contrário do que se costuma argumentar, *não possui propriedades emergentes*. Para ilustrar essa ideia é necessário desenvolver a questão do organicismo e suas implicações.

## O organicismo e suas metáforas

Durante o século XIX tornou-se relativamente comum o estabelecimento de uma analogia entre a sociedade e o corpo humano. Um organismo só sobrevive se seus órgãos e subsistemas funcionarem de forma articulada, de modo a formar um todo coerente. As sociedades tendiam a ser vistas deste modo: elas são muito mais do que o mero agregado de indivíduos e, portanto, elas *não* podem ser explicadas apenas como o resultado inesperado das múltiplas interações entre os indivíduos. Uma sociedade envolve uma harmonia mínima entre seus elementos constituintes, assim como ocorre com o corpo dos seres vivos. Durante o século XX, com as críticas ao funcionalismo – dada a sua ênfase na integração em detrimento do conflito social ou, alternativamente, pelo fato de

---

(2) DeLanda usa os dois termos como sinônimos, embora ele ressalte que o termo *exterioridade* possa passar a falsa ideia de uma relação espacial entre um interno e um externo.

desprezar a experiência fenomenológica – essa metáfora caiu em desuso. Mas, como ressalta DeLanda, sua influência não desapareceu:

*This version involves not an analogy but a general theory about the relations between parts and wholes, wholes that constitute a seamless totality or that display an organic unity. The basic concept in this theory is what we may call **relations of interiority**: the component parts are constituted by the very relations they have to other parts in the whole. A part detached from such a whole ceases to be what it is, since being this particular part is one of its constitutive properties. A whole in which the component parts are self-subsistent and their relations are external to each other does not possess an organic unity (2006, p. 9).*

Deste ponto de vista, um todo possui uma unidade inexpugnável, que se consubstancia na determinação recíproca entre as partes. Esta versão do organicismo, prossegue o autor, é muito mais difícil de eliminar já que ela vai muito além do funcionalismo.

Esta noção de totalidade tem raízes muito mais profundas do que as desgastadas analogias entre a sociedade e os organismos biológicos. A ênfase recai não na imagem do organismo, *mas na natureza da relação que agrega as partes*: uma totalidade é marcada por relações de *interioridade*, isto é, uma forma de conexão *logicamente necessária* que a distingue de um mero *conjunto* (ou sistema) que pode ser explicado pela análise de seus elementos. É precisamente para se opor a essa ênfase nas relações de interioridade sem prescindir da abertura que a noção de emergência propicia é que, segundo DeLanda, Deleuze criou o termo *agenciamento*, onde o foco recai nas relações de *exterioridade*. Um componente de um agenciamento pode ser destacado e inserido em um outro agenciamento, no qual as *interações são diferentes*. Logo, o decisivo em qualquer elemento ou entidade envolve as suas *possibilidades de interação*:

*We can distinguish, for example, the properties defining a given entity from its capacities to interact with other entities. While its properties are given and may be denumerable as a closed list, its capacities are not given – they may go unexercised if no entity suitable for interaction is around – and form a potentially open list, since there is no way to tell in advance in what way a given entity may affect or be affected by innumerable other entities. In this other view, being part of a whole involves the exercise of a parts capacities, but it is not a constitutive property of it. And given that an unexercised capacity does not affect what a component is, a part may be detached from the whole while preserving its identity (DeLanda, 2006, p. 10).*

Por meio desta distinção é possível preservar a ideia – correta – de que em um sistema com propriedades emergentes o todo é maior do que a simples soma das partes sem, contudo, eliminar a heterogeneidade e a autonomia das partes. A ligação *não define* o todo – pois não é *logicamente necessária* - e, deste modo, possibilita uma abertura ao novo e ao inusitado.

Nestes termos, é possível usar algumas ilustrações provenientes da biologia, embora em outro registro:

*While those favouring the interiority of relations tend to use organisms as their prime example, Deleuze gravitates towards other kinds of biological illustrations, such as the symbiosis of plants and pollinating insects. In this case we have relations of exteriority between self-subsistent components such as the wasp and the orchid relations which may become obligatory in the course of coevolution. This illustrates another difference between assemblages and totalities. A seamless whole is inconceivable except as a synthesis of these very parts, that is, the linkages between its components form **logically** necessary relations which make the whole what it is. But in an*

*assemblage these relations may be only **contingently obligatory**. While logically necessary relations may be investigated by thought alone, contingently obligatory ones involve a consideration of empirical questions, such as the coevolutionary history of two species (DeLanda, 2006, p. 11).*

Essa passagem é bastante ilustrativa. Algumas espécies de orquídea liberam feromônios similares aos de vespas fêmeas para atrair os machos e, com isto, aumentam a probabilidade de polinização. Formam um agenciamento, mas não uma totalidade. Quando uma relação de simbiose se estabelece na natureza, a análise lógica jamais conseguiria elucidar os motivos que levaram os seres envolvidos a estabelecerem este tipo de relação. A explicação é necessariamente empírica e, portanto, não pode ser encerrada em modelos rígidos.

### Diagramas e máquinas virtuais

Manuel DeLanda tem bastante apreço pela noção braudeliana de sociedade como um *conjunto de conjuntos*, imagem que ele extrapola para pensar os agenciamentos também deste modo, isto é, como conjuntos de conjuntos com ordens de magnitude distintas. De acordo com ele, esta concepção marca uma diferença significativa com a apresentada por Deleuze:

*A further modification to the original concept is that the parts matched together to form an ensemble are themselves treated as assemblages, equipped with their own parameters, so that at all times we are dealing with assemblages of assemblages (DeLanda, 2016, p. 3).*

Em seu julgamento, esta reformulação do conceito aprofunda a crítica deleuziana à causalidade derivada da tradição cartesiana:

*An ensemble in which components have been correctly matched together possesses properties that its components do not have. It also has its own tendencies and capacities. The latter are real but not necessarily actual if they are not currently manifested or exercised. The term for something that is real but not actual is virtual. An assemblages diagram captures this virtuality, the structure of the possibility space associated with an assemblages dispositions. But in addition to defining a virtual space already caught up into actual ensembles, trapped into their materiality and expressivity to a degree specified by the parameters, the diagram connects an assemblage with other diagrams, and with a cosmic space in which diagrams exist free from the constraints of actuality (DeLanda, 2016, p. 5).*

Um agenciamento – uma realidade multiescalar, i.e., (*a nested set of assemblages*) – possui *propriedades emergentes* que, contudo, podem ser capturadas pelo conceito de *diagrama*.

Como se sabe, Deleuze apresenta o conceito de *diagrama*<sup>3</sup> partindo de Foucault:

---

(3) *A diagram is commonly understood as a drawing conveying information about something incorporeal. From the Greek **diagramma**, it means to mark out by lines, to draw – where **dia** is through, across, apart and **graphein** is to write. The diagram is defined as a geometrical figure used to illustrate theorems. It can also be a sketch, a drawing or a plan that explains a thing by outlining its parts and their relationships – basically, delineating its inner workings. Finally, a diagram can be defined as a chart or a graph explaining or illustrating ideas and displaying statistics. A diagram can be seen in the form of three different types of drawings: a plan, a map and a graph (or a schema). A plan represents a building that is not yet built. A map represents terrains on which we have not yet travelled. A graph displays relations between variable quantities. No matter what form it takes as a representation, a diagram is a configuration of lines, whether they are drawn or written (Zdebik, 2012, p. 1).*

Quando Foucault define o Panoptismo, ora ele o determina concretamente, com o um agenciamento ótico ou luminoso que caracteriza a prisão, ora abstratamente, como uma máquina que não apenas se aplica a uma matéria visível em geral (...), mas atravessa todas as funções enunciáveis. A fórmula abstrata do Panoptismo não é mais, então, ver sem ser visto, mas *impor uma conduta qualquer a uma multiplicidade humana qualquer*. É uma lista indefinida, mas que se refere sempre a matérias não-formadas, não-organizadas, e funções não-formalizadas, não-finalizadas, estando as duas variáveis indissolivelmente ligadas. Como denominar essa nova dimensão informe? Foucault deu-lhe certa vez o nome mais exato: é um diagrama, isto é, um funcionamento que se abstrai de qualquer obstáculo ou atrito...e que se deve destacar de qualquer uso específico. O *diagrama* não é mais o arquivo, auditivo ou visual, é o mapa, a cartografia, co-extensiva a todo o campo social. É uma máquina abstrata (Deleuze, 1988, p. 43).

E, um pouco mais à frente:

Poder-se-á então definir o diagrama de diversas maneiras que se encadeiam: é a apresentação das relações de força que caracterizam uma formação; é a repartição dos poderes de afetar e dos poderes de ser afetada; é a mistura das puras funções não-formalizadas e das puras matérias não-formadas (Deleuze, 1988, p. 80).

Trata-se, portanto, de um *plano relacional*, de forças variáveis em tensão, uma zona de *possibilidades* formais (i.e., de pura abstração) que precede os processos de individuação e de concretização. Por conta disto, um diagrama não é uma *representação*, dado que ele mapeia as possibilidades *antes de seu aparecimento* (Zdebik, 2012, p. 1).

Logo, ele se situa em um plano distinto do ocupado pelas máquinas concretas:

*The concept of the diagram revamps hylemorphic theory – the push and pull between form and matter – as well as the relationship between content and expression, the connection between thought and image, and the difference between representation and non-representation. It values the unformed, the state of flux, the dynamic, the movement towards actualization. It also deals with organization, forces at work in social and cultural constructs; it is a way to travel from one system to another. The diagram allows a glimpse of the state that comes before the formation of an object, and of what goes into its formation. In a cultural object such as a painting, for example, the theory of the diagram offers something more than typical hermeneutics because it searches for essential states of abstraction within the actual figuration of an image. It also shows the far-reaching connections at play in a work of art, and the multiple parts that come to work in its assemblage* (Zdebik, 2012, p. 1).

Essa descrição me parece bastante próxima da *démarche* de Deleuze e, sobretudo, do modo como Manuel DeLanda se apropria do conceito de diagrama. O conceito foi criado para tentar dar conta do *espaço de possibilidades* – a dimensão da virtualidade – que se insinua no espaço de fluxos que viabiliza os processos de individuação e de atualização.

Por meio da noção de diagrama – i.e. uma função puramente abstrata – é possível conectar sistemas ou formações que, a princípio, nos parecem muito diferentes:

*The diagram makes abstracted function pass from one formation or system to the next. In this way, it is a virtual map behind heterogeneous formation not only irreducible in its actual form, but also heterogeneous in its level of materiality: like prison and the penal code, an architectural structure and a set of laws* (Zdebik, 2012, p. 5).

No caso do Panóptico, o digrama não é a materialidade da prisão tal como fora elaborada por Bentham, mas a *relação* entre os sentinelas e os detentos. Por isso ela pode ser transposta para outras instituições tais como, por exemplo, escolas, fábricas ou hospitais<sup>4</sup>. É a *vigilância como função* que pode ser transmitida da prisão para a escola ou para a fábrica, por exemplo:

*As Deleuze argues, the panoptic mechanism does not mediate between power and function; it does, however, create a template, in this case a mechanism of surveillance, that has deeper consequences than simple observation. The diagrammatic operation has concrete consequences in each environment. On a microphysical – or abstract – level, power relations in the function of surveillance influence the relations between the subjects of each system. As Bentham says himself, surveillance provides the mind with the power over the minds of others. The insidiousness comes from the fact that the function is abstract, and it is non-representational. We are being surveilled but we cannot see it (Zdebik, 2012, p. 7).*

Logo, o conceito de diagrama nos permite apreender as forças abstratas que organizam os sistemas. Por isso Deleuze os caracteriza como um conjunto sobreposto *de mapas* que se multiplicam quando se passa de um diagrama a outro<sup>5</sup>.

O conceito de diagrama já tinha sido mobilizado por Manuel deLanda em *War in the Age of Intelligent Machines* no seu esforço de formalização teórica que estamos analisando. Ela afirma que, por muito tempo, os objetos técnicos eram construídos por homens práticos que, por se basearem em palpites e no método de tentativa e erro, não sabiam como as máquinas realmente funcionavam:

*An abstract description of the mechanisms involved had to wait until the technical assemblage had been studied scientifically as if it were one more object of nature. The steam motor, for instance, appeared suddenly in 1712, after ten years of intense nonscientific tinkering. But it was not truly understood until 1824, when scientific research finally produced a diagram encapsulating the essential aspects of the mechanisms involved. Although some assemblages, like the transistor and the integrated chip, have quite recently been created through tinkering, many machines begin life as abstract descriptions that only later are given a physical body (DeLanda, 1991, p. 138).*

Assim, alguns objetos técnicos distintos foram construídos e eram utilizados sem que se soubesse que eles eram *encarnações* de uma mesma *máquina abstrata*. O pêndulo é uma encarnação do oscilador abstrato, cujo princípio é compartilhado por relógios, rádios, radares e até relógios biológicos (DeLanda, 1991, p. 139).

---

(4) *But the panopticon does not constitute a diagram. Rather, the function of the structure of surveillance is labelled as a diagram. Not the cells and the walls and the tower, but the relationship between the guards and the prisoners within that environment. This relationship, abstracted from the prison structure, can be transposed to other structures – such as schools, barracks and hospitals – which are built around a similar relationship involving surveillance for the purpose of control. But surveillance is just one example of a diagrammatic function. In other places, Deleuze writes of a feudal diagram, a Napoleonic diagram, a Greek diagram, or even a pastoral diagram (Zdebik, 2012, p. 5).*

(5) *This superimposition of maps illustrates the passage from one abstract system to the next, and in-between them another one is made. But we see immediately that Deleuze does not have a typical map in mind. This is an abstract map of relations of forces, of destiny or of intensity. This map of virtuality shows all possibilities before they are actualized – which is why it is so nimble. The diagram is not precise, or representational, but charts the relation of forces that can be utilized or made manifest in various situations (Zdebik, 2102, p. 7).*

Partindo de uma aguda observação de Michel Serres, o exemplo prático que DeLanda privilegia é a máquina a vapor ou, mais precisamente, o impacto sociotécnico que ela exerceu ao ser empregada. Até então, a questão do princípio motor não era considerada relevante pois, mesmo em maquinismos elaborados (autômatos, caixas musicais etc.), a força motriz não era realmente *internalizável*:

*This all changed when the physical motor was reduced to an abstract mechanism. Perhaps the best stab at a date for this change is 1824, when the French engineer Sadi Carnot gave an abstract description of the heat engine, a description abstract enough that by simply reversing its terms it could be used to build a refrigerator. When the abstract mechanism had been dissociated from the physical contraption, says Serres, it entered the lineages of other technologies, including the conceptual technology of science. It is well known that the world of classical physics was a clockwork world. The planets followed their paths because they were a kind of cosmic musical box, a motorless system animated by God from the outside. Science eventually outgrew this limited viewpoint with the development of thermodynamics, a development hastened by the results of engineering research to improve the efficiency of actual motors and engines (DeLanda, 1991, p. 141).*

Um *motor abstrato* consiste em três componentes separados: um reservatório (de vapor, gasolina, eletricidade etc.); uma *forma* de explorar uma *diferença* (de calor ou voltagem, por exemplo) e um diagrama ou programa de circulação eficiente (o ciclo de Carnot), que seja capaz de explorar essa diferença. Esse caráter abstrato se evidencia na sua capacidade de atravessar domínios usualmente considerados como isolados tais como, por exemplo, o mundo físico e o social<sup>6</sup>.

É possível agora condensar o que foi apresentado. O diagrama é *um mapa* desdobrável em múltiplas escalas que aspira dar conta de um *espaço de possibilidades* que envolve uma multiplicidade de *forças* não instanciadas. Diagramas formam *máquinas abstratas*. Ao contrário de suas encarnações, as máquinas abstratas são virtuais (por oposição à *atualidade* das suas individualizações concretas) e reais (isto é, ainda *não realizadas*). Por conta disto elas não são estáticas como as estruturas (*deep structures*) e permanecem em constante movimento (Dowd, 2007, p. 16). Os agenciamentos – formação de multiplicidades dinâmicas compostas pela agregação de elementos heterogêneos, com distintas *possibilidades de interação* – possibilitam a *instanciação* destas formas abstratas, isto é, viabilizam a passagem do virtual para o atual. Como os agenciamentos são baseados predominantemente em relações *extrínsecas*, eles possuem propriedades emergentes: a sua dinâmica não deriva integralmente das propriedades dos seus elementos constituintes e, ao mesmo tempo, ela não é constrangida por totalidades fundadas em relações de interioridade (determinação recíproca das partes). Neste caso, tal como nos organicismos e nas totalidades inspiradas no hegelianismo, o todo é maior do que a soma das partes. Porém, como um agenciamento *preserva* a heterogeneidade dos seus elementos constituintes, suas possibilidades de variação são muito maiores. Para parafrasear Foucault, o agenciamento *não se baseia na lógica dialética*, que pensa os termos contraditórios em

---

(6) *In the nineteenth century, even social theories began to come complete with their own reservoirs, their own mode of difference and their own circulation diagrams. Serres mentions Darwin, Marx and Freud as examples in the area of scientific discourse: reservoirs of populations, of capital or of unconscious desires, put to work by the use of differences of fitness, class or sex, each following a procedure directing the circulation of naturally selected species, or commodities and labor, or symptoms and fantasies. Serres also finds the abstract motor in such apparently unrelated areas as painting (Turner) and literature (Zola) (DeLanda, 1991, p. 141).*

um meio homogêneo, formando uma unidade de contrários. Sua lógica é *estratégica* e envolve as possibilidades de conexão de termos díspares *que permanecem díspares*.

### A questão do realismo e do materialismo

A adesão de Manuel DeLanda ao realismo parece ter uma motivação muito clara: combater as apropriações conservadoras da obra de Foucault<sup>7</sup> (tudo é discurso) e o relativismo cultural. O motivo é nobre. Especialmente hoje, quando o relativismo saiu dos círculos restritos da torre de marfim para, de modo reverso, alimentar os negacionistas climáticos e, também, como estratégia para mobilizar as massas enfurecidas alinhadas à uma revolução conservadora. A base do realismo é o postulado de que a realidade é *independente* da mente e das formas de consciência. No entanto, ele matiza bastante essa posição: no caso das *ontologias sociais* é preciso levar em conta o fato de que as entidades sociais – povos, comunidades, sistemas econômicos etc. – *desapareceriam* se as mentes humanas que as encarnam deixassem de existir. O problema para um realista é que este é o argumento básico dos adeptos do dualismo metodológico. DeLanda tenta contornar a posição dualista nos seguintes termos:

*In this sense social entities are clearly not mind-independent. Hence, a realist approach to social ontology must assert the autonomy of social entities from the conceptions we have of them. To say that social entities have a reality that is conception-independent is simply to assert that the theories, models and classifications we use to study them may be objectively wrong, that is, that they may fail to capture the real history and internal dynamics of those entities* (DeLanda, 2006, p. 1).

O movimento é duplo. O primeiro passo envolve a crítica das posições realistas mais extremadas, admitindo que é necessário levar em conta a peculiaridade da dimensão social da realidade, isto é, o fato bastante evidente de que a vida social *não é independente* das formas de consciência. Mas isto não seria cair no dualismo metodológico? Aqui entra o segundo movimento. Ele postula que a realidade social possui uma certa autonomia frente às *concepções que temos dela*. O que me parece bastante problemático é o modo como ele define a natureza dessa autonomia: nossas concepções sobre a dinâmica e os fundamentos da sociedade podem estar *objetivamente* equivocadas.

Antes, contudo, de criticar este aspecto da interpretação do autor, é importante destacar os motivos que o levaram a propor esta artimanha. O intento de DeLanda é criticar a tendência de boa parte da esquerda em tentar combater de forma necessariamente infrutífera o que ele chama de *generalidades reificadas* – o mercado, o poder, o capital etc. – e, ao mesmo tempo, evitar as ciladas das posições que ele considera relativistas ou presas à uma hermenêutica textual (virada linguística)

---

(7) Ele destaca a força de Foucault, especialmente em *Vigiar e Punir*: ao dar igual atenção às práticas discursivas e não discursivas de quem ocupa posições de poder e autoridade, ele apresentou uma inovação radical. Contudo, a força do livro foi mitigada por interpretações baseadas na virada linguística. *In my informal poll I have found that the majority of those humanities professors that are interested in Foucault consider torture, physical confinement, drilling and monitoring to be discursive practices: to them that is the achievement of Foucault, to have shown that many things that seem physical and material are actually linguistic. This bastardisation of Foucault must not go unchallenged and his original distinction must be upheld. To put it in a nutshell: while pairing a certain category of crime, like stealing, with a certain category of punishment, like cutting off a thief's hand, is clearly a discursive practice, the actual act of mutilation is equally clearly a non-discursive one. The reduction of the nondiscursive, to think of mutilation as a deconstruction of the body as one clueless academic once remarked to me, is a symptom of a deep political conservatism hidden under radical chic* (DeLanda, 2008, p. 161).

que passaram a ganhar proeminência com a penetração do idealismo em vários departamentos acadêmicos e jornais críticos:

*When one asserts the mind-independence of the material world a crucial task is to explain the more or less stable identity of the mind-independent entities that inhabit that world. If this identity is explained by the possession of an atemporal essence then all one has done is to reintroduce idealism through the back door. Thus, a coherent materialism must have as its main tool a concept of **objective synthesis**, that is of a temporal process that produces and maintains those stable identities* (DeLanda, 2008, p. 162).

A teoria do agenciamento (*assemblage theory*) foi criada por Manuel DeLanda para possibilitar a concretização dessa *síntese objetiva* que, curiosamente, revelaria o jogo de possibilidades ocultas e aprisionadas nestas identidades estáveis.

Penso que é possível evitar as armadilhas solipsistas da virada linguística sem o recurso à uma ontologia realista, mesmo que matizada. O segundo movimento do pensamento de Manuel DeLanda exposto à pouco não me parece muito convincente pois, na prática, ele desloca uma questão ontológica para o plano da epistemologia, caindo desnecessariamente na cilada derivada da ruptura cartesiana com a escolástica que Eduardo Viveiro de Castro destacou nas *lectures* apresentadas em 1998 na Universidade de Cambridge: o dualismo cartesiano praticamente eliminou a disputa e a reflexão no campo da ontologia, que ficou a cargo das *hard sciences*, percebidas como a única forma de desvendar um mundo natural que é externo ao homem e regido por leis determinísticas. Esta simplificação da dimensão ontológica induziu um deslocamento para a epistemologia, entendida predominantemente como o plano da representação do silencioso mundo exterior e uniforme da natureza na mente dos homens. Deste ponto de vista há apenas um mundo – uma ontologia – que, no entanto, é representado de diversas formas. Uma natureza, múltiplas culturas (Viveiros de Castro, 2012, p. 92).

No fundo, a mitigação do realismo nos termos propostos por DeLanda é uma variante desta acomodação entre o naturalismo e o multiculturalismo, mesmo quando ele insiste na alegada síntese objetiva que ele almeja atingir pela construção de uma teoria do agenciamento. O aspecto mais curioso é que ele rejeita o corte natureza e cultura e, também, o determinismo herdado da tradição cartesiana. No entanto, insistir em uma ontologia realista e na autonomia relativa das formas de consciência nos termos que ele propõe *não* contorna o dualismo. Além disso, o simples fato de se questionar frontalmente o determinismo cartesiano e, simultaneamente, atacar os voluntarismos idealistas já é suficiente para possibilitar a crítica radical das identidades estáveis tais como o mercado, o capitalismo etc.

A abertura ao *pluralismo ontológico* me parece uma postura muito mais frutífera. Se quisermos de fato pensar a *diferença* e levar às últimas consequências as relações de alteridade é necessário romper com a tese de que existe *uma única realidade material* – a ontologia realista (naturalista) – que, contudo, enseja múltiplas representações e sistemas de crença. Postulados sobre o mundo que, a princípio, nos parecem muito extravagantes não devem ser considerados como meras perspectivas culturais ou crenças (i.e., visões de mundo). De forma preliminar parece mais interessante concebê-las como enunciações de *mundos* ou naturezas diferentes que, mesmo com aspectos incomensuráveis, possibilitam encontros pragmáticos (Almeida, 2021). Explorar esse espaço de ressonância entre *mundos* é uma alternativa muito mais promissora do que insistir no

realismo, mesmo que mitigado. O conceito de agenciamento, especialmente pelo modo como ele *elimina* a cisão entre natureza e cultura e se abre para o inusitado, é uma ferramenta crucial para realizar essa tarefa. O próprio Gilles Deleuze insiste que um relativismo consistente *não afirma a relatividade do verdadeiro, mas a verdade do relativo* (Deleuze, 2005, p. 43), um argumento que desafia o realismo.

### Considerações finais e perspectivas futuras

Não se deve esperar conclusões muito assertivas ou peremptórias de um artigo exploratório, mas apenas algumas ponderações e, sobretudo, perspectivas e questões a serem aprofundadas em outros estudos. No caso deste texto para discussão o tema mais evidente a ser explorado envolve a natureza e as características da relação entre agenciamento, emergência e sistemas não-lineares. Manuel DeLanda não só estabelece uma conexão direta entre estes conceitos como, ao mesmo tempo, refuta a tese de que as totalidades baseadas em relações intrínsecas possuem propriedades emergentes. Em seu entender, apenas agenciamentos possuem esta característica. Tendo a concordar com essa interpretação. Os estudos sobre a complexidade e a teoria do caos surgiram como uma alternativa à polarização entre o método analítico clássico e as visões holistas (mecanicismo, algumas variantes do organicismo e totalidades de inspiração hegeliana), dando um novo ímpeto ao esforço de pensar a aleatoriedade não mais como falta de informação, mas, ao contrário, como um elemento constitutivo da realidade. Deleuze sempre esteve às voltas com esta questão e Manuel DeLanda tem se mostrado capaz de explorar com muita competência e argúcia essa temática.

O conceito de agenciamento me parece bastante adequado para o esforço de pensar a intrincada relação entre *recursividade e contingência*, um tema que ganhou proeminência pelo menos desde o surgimento da cibernética no final da década de 1940, quando a questão era pensada predominantemente na chave da homeostase e dos sistemas de feedback negativo. A generalização dos computadores digitais com elevada capacidade de processamento permitiu ultrapassar essa abordagem, abrindo o caminho para enfrentar o problema teórico e prático de lidar com sistemas de feedback positivo, isto é, sistemas em que a retroalimentação *altera* os parâmetros da recursividade. Neste caso, ao invés de tentar preservar o mesmo padrão de variação, os sistemas buscam incessantemente um *novo equilíbrio*, alterando, portanto, o seu comportamento com base na experiência passada. Este princípio está contido no conceito de agenciamento que, contudo, ao tematizar a relação entre o *atual e o virtual* e as *condições de possibilidade de emergência do novo*, adiciona outra dimensão ao problema. Este é um tema a ser desenvolvido, especialmente se levarmos em conta o fato de que os sistemas preditivos contemporâneos tentam aprisionar as virtualidades no *status quo*, tendo como inspiração uma lógica securitária baseada na noção de *risco*. A remoção destes antolhos permite repensar as virtualidades que estão ao nosso alcance, para além do campo privilegiado pelo nexo entre o capital e o Estado.

Outra agenda de pesquisa promissora envolve a conexão entre o conceito de agenciamento e a noção de verdades pragmáticas desenvolvidas por Mauro Almeida<sup>8</sup>. A abertura que o conceito de agenciamento possibilita me parece muito útil para pensar relações de alteridade radicais, especialmente as que derivam de problemas como o aquecimento global, um tema que só pode ser

---

(8) Desenvolvi essa questão no Texto para Discussão n. 420 (setembro de 2021). Disponível em: <https://www.eco.unicamp.br/images/arquivos/artigos/TD/TD421.pdf>.

enfrentado *recusando* a separação entre natureza e cultura. Aqui a aproximação de DeLanda ao realismo, mesmo com todas as nuances, mais atrapalha do que ajuda. O fato curioso é que o multiculturalismo reforçou o primado do realismo nas *hard sciences*: o postulado da *incomensurabilidade* dos mundos aprisionou a disputa no campo das *representações*, deixando a natureza a cargo dos cientistas-sacerdotes do realismo. É perfeitamente possível preservar a pluralidade ontológica e, ao mesmo tempo, evitar o solipsismo com base no princípio de que *verdades pragmáticas* podem ser construídas no campo de interseção de ontologias muito distintas. É precisamente neste ponto que o desenvolvimento de uma teoria do agenciamento pode ser muito útil, pois ela me parece uma via bastante promissora para a construção de um *relativismo moderado* capaz de respeitar a autonomia ontológica dos povos (Viveiros de Castro) e, ao mesmo tempo, sustentar uma crítica radical ao capitalismo e seu ímpeto de destruir todos os mundos estranhos a ele.

### Referências bibliográficas

- ALMEIDA, Mauro W. B. *Caipora e outros conflitos ontológicos*. São Paulo: Ubu, 2021.
- DeLANDA, Manuel. *Assemblage theory*. Edinburgh: Edinburgh U. Press, 2016.
- DeLANDA, Manuel. *A new philosophy of society: assemblage theory and social complexity*. London: Continuum, 2006.
- DeLANDA, Manuel. Deleuze, materialism and politics. In: BHUCHANAN, Ian; THOBURN, Nicholas (Org.). *Deleuze and politics*. Edinburgh: Edinburgh U. Press, 2008.
- DeLANDA, Manuel. *War in the age of intelligent machines*. New York: Zone Books, 1991.
- DELEUZE, Gilles. *Foucault*. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- DELEUZE, Gilles. *A Dobra – Leibniz e o Barroco*. Campinas: Papyrus, 2005.
- DELEUZE, Gilles; PARET, Claire. *Dialogues II*. New York: Columbia U. Press, 2007.
- DOWD, Garin. *Abstract machines*. Rodopi: Amsterdam & New York, 2007.
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *Cosmological perspectivism in Amazonia and elsewhere*. Cambridge: Hau Masterclass Series, 2012. v. 1.
- ZDEBIK, Jakub. *Deleuze and the diagram: aesthetic threads in visual organization*. London: Continuum, 2012.